



RELAÇÃO COM O SABER, EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E PRECONCEITO: O SIGNIFICADO DA DISTÂNCIA

Adonai Estrela Medrado¹

EIXO TEMÁTICO: 8. Tecnologia, Mídias e Educação.

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar se a relação com o saber pode ser estabelecida na Educação a Distância de forma significativa e socialmente relevante. A proposta foi motivada por dados iniciais coletados na pesquisa de mestrado do mesmo autor que indicaram preconceito social explícito com a modalidade a distância. O trabalho fundamenta-se nos estudos sobre a relação com o saber e utiliza o método etnográfico e a abordagem autobiográfica. São apresentados trechos das narrativas de vida de três participantes. A análise dos depoimentos foi centrada na categoria distância e apoiada na percepção teórica de que educar exige disponibilidade para o diálogo. Concluiu-se que nos sujeitos investigados a relação com o saber não foi marcada pela distância geográfica. Os achados corroboram a relação com o saber como mecanismo simbólico, ativo e temporal da vida subjetiva.

Palavras-chaves: relação com o saber, educação a distância, preconceito.

Abstract

This study aims to analyze if the relationship to knowledge can be established in the e-learning in a meaningful and socially relevant way. The proposal was motivated by the initial data from the author's mastership research which indicated explicit social prejudice against the distance education modality. The work is based on studies of the relationship to knowledge and uses the ethnographic method and the autobiographical approach. Excerpts from life narratives of three participants are presented. The analysis focus was on the distance category and the theoretical perception that education demands openness to dialogue. It was concluded that in the investigated subjects the relationship to knowledge was not marked by geographical distance. These findings corroborate the relationship to knowledge as a symbolic, active and temporal mechanism incorporated on the subjective life.

Keywords: relationship to knowledge, e-learning, prejudice.

1 Introdução

A proposta deste trabalho surgiu na coleta de dados da pesquisa de mestrado do autor². Durante este processo, encontramos depoimentos preocupantes que evidenciaram de maneira muito clara o preconceito que os alunos da Educação a Distância (EaD) sofrem ao escolherem

esta modalidade educacional. Contraditoriamente, se por um lado o governo e boa parte do meio acadêmico reconhecem a EaD como uma possibilidade formativa, por outro uma parcela da sociedade ainda está descrente de suas reais capacidades.

Em nossa análise, esta descrença muitas vezes é acompanhada da falta de esclarecimento e reflexão sobre a formação a distância. Na contemporaneidade, a opinião está em excesso e a experiência em escassez. O sujeito hoje

É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. (BONDÍA, 2002, p. 22)

A ausência de opinião, do ponto de vista social, é uma falta. O sujeito contemporâneo acredita que deve ter uma opinião e a ela busca de maneira quase tão obsessiva quanto busca a informação. Nesta sede de em tudo querer opinar e tudo se informar, perde-se tanto na qualidade da reflexão quanto na abertura para a experiência. (BONDÍA, 2002)

Facilmente a opinião não refletida ou fracamente informada transforma-se em preconceito que, no caso específico da EaD, tem como consequência a dificuldade dos alunos desta modalidade de encontrarem estágios, de obterem registro profissional e de se inscreverem em concursos (AGENCIA ESTADO, 2009). Este quadro fragiliza a condição do aluno que optou pela EaD e o coloca em posição de inferioridade quando comparado com outro aluno que edificou sua formação na modalidade presencial.

O objetivo deste trabalho é analisar se a relação com o saber pode ser estabelecida na Educação a Distância de forma significativa e socialmente relevante. Apresentaremos resultados preliminares da nossa pesquisa que exemplificam tanto a relação com o saber quanto o preconceito com a modalidade. Acreditamos que discutir a relação com o saber na EaD é importante, pois é através desta relação que o aluno (re)constrói cotidianamente sua visão de si, do outro e do mundo a qual pautará sua ação enquanto sujeito participante de uma comunidade.

Para atingir o objetivo deste artigo, optamos por num primeiro momento fundamentar e localizar nossa abordagem teórica pela relação com o saber. Ao fazer isto destacamos nosso entendimento de que o sujeito é um agente significador e que ele representa seu mundo à sua própria maneira. Na sequência, descrevemos as opções metodológicas da pesquisa que tiveram como plano de fundo a aproximação do pesquisador de seus participantes e de seus

contextos de aprendizagem. Em seguida analisamos o significado da categoria distância para cada sujeito e refletimos sobre as questões do preconceito na EaD.

2 Relação com o saber: sujeito como agente significador

A relação com o saber acontece na relação com o mundo. Porém como cada sujeito se relaciona com o seu meio à sua maneira, não há uma única representação de mundo. Partilhamos espaços, mas os significamos de forma única. Para nós, um espaço não é um dado físico-químico, ele é um meio partilhado com outros que é percebido, imaginado pensado, desejado e sentido de formas diferentes. “A relação com o saber, forma de relação com o mundo, é uma relação com sistemas simbólicos, notadamente, com a linguagem” (CHARLOT, 2000, p. 78).

Linguagem é ação do sujeito, assim como a relação com o saber. Utilizando a linguagem agimos, moldamos e representamos o mundo. Por isto, ela é mais do que um código utilizado na comunicação, é um sistema simbólico através do qual cada sujeito representa e se relaciona com o mundo e com a temporalidade. Ao (re)construir uma representação subjetiva do mundo, cada sujeito se (re)constrói e ao mesmo tempo (re)significa de forma simbólica, ativa e temporal sua relação com o saber. A relação com o mundo, consigo mesmo e com o outro é uma relação com o saber que ocorre no confronto com a necessidade de aprender. (CHARLOT, 2000)

A necessidade e o desejo de aprender caminham juntos na (re)significação da experiência vital. Numa relação com o saber, não há desejo pelo saber em si, o objeto de desejo é o eu, o outro e o mundo. Como o saber não é objeto da relação, uma aprendizagem significativa precisa envolver o contexto do sujeito, pois é o desejo deste sujeito em compreender seu contexto que mobiliza a atividade e (trans)forma a relação com o saber. (CHARLOT, 2000)

Ao nascermos o mundo já existe tanto enquanto representação simbólica quanto como objeto material. Somos obrigados a aprender desde o nascimento e, para isto, como sujeitos falantes e atuantes, temos como tarefa construir relações sociais de saber. (CHARLOT, 2000) A (inter)ação humana presente nestas construções se dá principalmente pela linguagem, que não é limitada pelo corpo, pelo tempo ou pelo espaço. A relação com o saber como processo de construção do conhecimento dá-se nas relações simbólicas como uma ação de tomada de consciência.

Na contemporaneidade, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) inserem-se na relação com o saber, pois o sujeito ao criar tecnologias desenvolve novas formas de relação com o mundo, com o outro e com si próprio. A cibercultura nos liberta dos constrangimentos espaço-temporais e emerge neste contexto como relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as TIC, ampliando nossas formas de ação e comunicação com o mundo (LEMOS, 2003). Na cibercultura tudo está em rede numa configuração comunicacional do aprender. Cada nó da rede, cada sujeito que age, (inter)age com o outro, com mundo e com si mesmo num processo de construção coletiva. O relacionamento social é intenso, dinâmico e imediato. O corpo é informação, um constructo cultural ampliado, transformado e refuncionalizado.

As tecnologias, como processos humanos, servem a criação e a transformação do contexto (LIMA JR.; HETKOWSKI, 2006). Porém é a relação entre sujeito e tecnologia – e não os aparatos tecnológicos em si – que modifica a sociedade e a cultura. O sujeito e a relação com o saber se reestruturam no tempo e no espaço considerando toda a complexidade de construção do contexto.

Independente da concepção ou da proposta inicial do designer, cada sujeito significa livremente sua relação com as mídias e os instrumentos tecnológicos. Desta forma, a pergunta “Para que serve a Internet?” terá respostas diferentes a depender da relação que o sujeito estabelece com este construto social. Considerando a complexidade da consciência humana, nada é *a priori*, pois o significado das coisas é construído de forma particular por cada um de nós.

3 A etnografia virtual e a autobiografia na compreensão da relação com o saber na Educação a Distância

A pesquisa de dissertação que alicerça este artigo trabalha com o método etnográfico e a abordagem autobiográfica para compreender a relação com o saber que ocorre nesta modalidade educacional. No uso do método etnográfico, o pesquisador, utilizando-se de diferentes formas de observação e comunicação, ingressa num contexto para buscar uma compreensão aprofundada de seus fundamentos (HINE, 2000). Entretanto, neste método há diversas escolhas a serem feitas que estão relacionadas a crenças e preferências teórico-filosóficas.

No referido trabalho dissertativo, o pesquisador optou por estudar a EaD matriculando-se num curso de graduação a distância de Letras Português/Inglês de uma das mais conceituadas universidades privadas de sua região. O ingresso no curso deu-se no segundo semestre de 2009. Sem privilégios, numa relação de igualdade hierárquica com os outros alunos, o pesquisador realizava todas as atividades e participava do ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

O curso é semestral e tem duração de três anos. A maioria do material é disponibilizado online no AVA gerenciado pelo sistema Moodle. No início do semestre, cada aluno recebe também um módulo impresso que contém os textos das aulas do AVA. Além da presença no ambiente, há encontros carnavais³ uma vez por semanas no turno da noite com a participação de uma tutora. Durante cada período letivo as atividades do conjunto de disciplinas desenrolam-se simultaneamente. A avaliação se dá através de elementos virtuais (provas discursivas, participação em fóruns e questionários pontuados) e de uma prova interdisciplinar carnal ao final de cada semestre (geralmente mista, com questões objetivas e discursivas). Cada disciplina possui um coordenador de matriz, um professor e um tutor. O coordenador de matriz é responsável pela gestão de um conjunto de disciplinas. O professor é responsável por conceber a proposta didática das disciplinas que é responsável e corrigir os fóruns pontuados. Cabe ao tutor responder às dúvidas dos alunos e corrigir as atividades virtuais. As formas de interação com os discentes são os fóruns, os *chats* e o *call center*. Esta última está disponível apenas para contato com os tutores em dias e horários pré-determinados. Excepcionalmente, os alunos podem dirigir-se à sede da instituição para encontro carnal com a coordenação.

Com a vivência do dia a dia deste curso, pôde-se tanto imergir no contexto cultural da pesquisa quanto estabelecer uma relação de confiança e compreender a rotina dos cursistas. Por opção metodológica, todas as entrevistas foram individuais, realizadas a convite, em encontros carnavais pré-agendados conforme disponibilidade do participante e mediante assinatura de “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

As entrevistas eram realizadas de acordo com a abordagem autobiográfica. Cada participante era convidado a narrar a sua história de vida começando de onde ele imaginava que surgiu o desejo de ser professor até sua experiência no curso a distância em questão. Entretanto, “[...] recorrer às narrativas de vida não exclui, de forma alguma, outras fontes, tais como estatísticas, textos regulamentares, entrevista com informantes situados em posição ‘central’ ou a observação direta dos comportamentos” (BERTAUX, 2010, p. 16). A narrativa,

apoiada por estas fontes secundárias, oferece indícios que identificam experiências e formas diferentes de relação com o mundo, com o outro e com si mesmo.

Para este artigo escolhemos nos debruçar sobre trechos das narrativas que tratam especificamente da questão da relação com o saber na EaD, mas consideramos também as percepções do pesquisador com base na observação e no trabalho de campo. Tanto os dados coletados até o momento quanto as reflexões do pesquisador levam a crer que a categoria distância é uma das mais importantes a ser analisada, uma vez que, conforme indicações parciais da pesquisa, ela influencia de maneira preponderante a relação com o saber.

4 As representações (e os preconceitos) da distância na Educação a Distância

Com as TIC, o conceito tanto de presença quanto de distância torna-se cada vez mais relativo e mais dependente das características da relação. No formato da EaD que se utiliza do computador e da Internet, a sensação de proximidade envolve a relação sujeito-tecnologia e a comunicação mediada por computador (CMC).

Os estudos iniciais sobre a CMC foram conduzidos no modelo experimental e sugeriram que esta forma de comunicação empobrecia as relações e favorecia a agressividade e o mal-entendido. Comparado aos encontros carnavais, as situações mediadas por computador não ofereceriam a mesma riqueza. A ausência de elementos do contexto social teriam como consequência uma desinibição e um alto nível de agressividade. Por outro lado, os participantes estabeleceriam relações focadas em si mesmo e desconsiderariam questões de *status* geralmente levadas em conta em outras situações. (HINE, 2000)

Entretanto, não há base para afirmar que a CMC tem efeito independente do contexto que é utilizada. Os estudos experimentais chegaram a suas conclusões com participantes desconhecidos ou anônimos. Fora do contexto experimental, utilizando-se o método etnográfico, foi possível estabelecer a CMC como um meio rico e viável de comunicação capaz de constituir uma cultura própria. Nesta perspectiva, o uso da mídia computacional dá suporte não só a laços sociais, mas também a novas formas de organização. Assim, a etnografia têm oferecido indícios que fortalecem a percepção da CMC como uma possibilidade de relacionamento. (HINE, 2000)

Apesar disto, não é aconselhável generalizar os usos da CMC. Cada sujeito se relaciona de forma diferente com o ambiente virtual. Como seres sociais, buscamos a comunicação uns com os outros, porém a maneira como fazemos isto pode divergir bastante.

Enquanto alguns não se sentem solitários na frente de um computador conectado (CC), outros se sentem extremamente angustiados. A sensação de proximidade ou distanciamento está relacionada com aspectos comunicativos e simbólicos. Neste sentido, a representação subjetiva da distância tem mais significado do que sua medida em metros.

É fundamental para a educação que o professor esteja predisposto a uma relação significativa e prazerosa com o aprender, por isto “ensinar exige disponibilidade para o diálogo” (FREIRE, 1996, p. 135). A tarefa docente exige uma disponibilidade para conhecer e compreender o contexto social do aluno. O diálogo é o caminho para conhecer, uma abertura para a relação com o outro que, por consequência, é uma relação com o saber. Não há como estar próximo de alguém e desconhecer o seu mundo, entretanto a proximidade ao contexto não exige a presença carnal e sim o interesse pelo outro como sujeito. “A formação dos professores e das professoras devia insistir na constituição deste saber necessário e que me faz certo desta coisa óbvia, que é a importância inegável que tem sobre nós o contorno ecológico, social e econômico em que vivemos” (FREIRE, 1996, p.137). Tanto na EaD quanto na modalidade presencial é preciso abrir-se à realidade do aluno para diminuir a estranheza e a distância.

[...] a diminuição de minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. [...] diminuo a distância que me separa de suas condições negativas de vida na medida em que os ajudo a aprender não importa que saber, o do torneiro ou o do cirurgião, com vistas à mudança do mundo, à superação das estruturas injustas, jamais com vistas a sua imobilização. (FREIRE, 1996, p. 138).

Assim, a distância geográfica na relação com o saber torna-se um problema quando ela é sentida como distância afetiva, simbólica e/ou contextual. Em nossa pesquisa nos deparamos com relatos de sujeitos que significavam de forma diferente sua relação com a suposta distância da EaD. No trecho abaixo, J.B., um dos sujeitos pesquisados, ilustra como a distância pode se tornar presença:

Pesquisador: [...] Por que é que você escolheu Letras EaD e não Letras presencial?

J.B.: Porque o Letras EaD economicamente para mim era mais tranquilo e eu acho que, até porque eu comprovei neste curso, os professores tem mais contato do que no presencial.

J.B. tinha 24 anos no momento da entrevista. Ele é deficiente visual, trancou o Letras EaD após o primeiro semestre para cursar Análise e Desenvolvimento de Sistemas num curso presencial de uma instituição pública. Ele justifica esta escolha por questões emotivas, pois,

segundo relata, é mais apaixonado por informática do que por letras. Na sequência de sua fala, ao ser solicitado para esclarecer melhor a relação aparentemente contraditória entre distância e contato J.B. exemplifica:

Pesquisador: Você acha que na distância os professores tem mais contato com o aluno do que no presencial?

J.B.: Eu acho. Porque o presencial o professor às vezes, você fica no meio das outras turmas, você vai fazer uma pergunta--- nesse curso de informática, eu tive muitos exemplos, comigo e com outros alunos. O aluno ia fazer uma pergunta às vezes ele esquecia, porque o professor não tinha condições de ouvir todos ao mesmo tempo como se fosse no EaD, no curso a distância. O curso a distância você deixa sua dúvida lá e o professor responde. O presencial você coloca sua dúvida, quando você consegue e se você for colocar sua dúvida e mais uns 15 alunos tiverem na sua frente com outras dúvidas você acaba não chegando a perguntar o que você deseja e acaba esquecendo e procurando uma outra forma de perguntar e acaba não chegando a conclusão nenhuma. [...]

Na sua representação, o contato é mais próximo na EaD, porque ele consegue ter sua dúvida “ouvida” pelo professor. Já no que diz respeito ao acesso ao material, J.B. dá seu posicionamento:

Eu acho que eu tive mais acesso aos textos do que o curso presencial, porque o curso presencial o que está passando no quadro em tempo real, online, naquele momento às vezes você não pega. E o curso a distância já está tudo pronto, os trabalhos estão lá só para você ler. E eu como deficiente visual achei que tive mais aproveitamento. (J.B.)

Por outro lado, a aluna G.S. sentiu falta de relações mais próximas na sua experiência durante o curso. Sem condições econômicas, estudando em escolas públicas e só tendo acesso a um ensino que em sua opinião era deficiente, G.S. de 28 anos tentou várias vezes o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) sem sucesso. Quando teve condições financeiras, optou por uma faculdade particular. Seu desejo inicialmente era por Pedagogia, mas por falta de turma optou por Letras. Ela relata sua angústia no momento da escolha do curso:

G.S.: [...] liguei para a inscrição, eu queria fazer presencial, eu não queria fazer a distância.

Pesquisador: Mas você não tinha feito vestibular para a distância?

G.S.: Tinha feito vestibular para distância, porque era o que eu podia pagar, mas eu não queria fazer a distância, sabe?

Pesquisador: Por quê?

G.S.: Porque eu achava--- eu pensava que era um curso deficiente. Não era a mesma coisa de você estar ali todo o dia vendo o professor, sabe? [...]

Observa-se que tanto J.B. quanto G.S. relataram que o fator econômico influenciaram suas escolhas pela EaD, porém G.S. mostrou-se muito apreensiva e relatou seu preconceito e receios. Em sua avaliação o material do curso deveria ter mais vídeo-aulas, ser mais claro e melhor trabalhado. Ela relata que muitas vezes não conseguia entender o material disponibilizado, entretanto não procurava os canais da instituição:

Pesquisador: Mas você utilizava aqueles canais de tirar dúvidas?

G.S.: Não. [...] Quase nunca. Porque eu queria ver, queria que ele me explicasse ali, acho que eu sou muito ao vivo, sabe? [...] Eu buscava aquele professor que eu conhecia, porque eu ia ter aquele contato mesmo com ele, pessoal mesmo, ele ia me mostrar: “[G.B.], é assim, assim, assim, tá certo assim, mas assim não tá”, entende? E o professor [da instituição] não. Às vezes demorava de responder, e às vezes eram respostas muito vagas, que não me ajudavam em nada. As vezes que perguntei foram pouquíssimas, quase nunca eu perguntava e as vezes que eu perguntei me deixavam ainda mais com questionamentos. [...].

G.B. representava a distância de uma forma bastante diferente de J.B.. Ela sentia falta de um encontro canal para que o professor pudesse lhe explicar com palavras e exemplos da forma como ela estava habituada e se sentia confortável.

Desempregada, G.B. relata que por questões econômicas abandonou o curso no segundo semestre, porém pretende retornar:

[...] mas pretendo sim fazer Letras ainda, agora eu pretendo fazer Letras quando eu tiver terminado os cursos e tiver inserida no mercado de trabalho para eu ter condições de pagar meu curso. E eu acredito também que quando... assim... eu pretendo... se eu voltar a fazer Letras eu vou querer fazer a distância, não porque eu gostei de fazer a distância, mas porque a questão de tempo vai ser mais fácil.. Letras--- o curso a distância é bom neste sentido, não lhe toma muito seu tempo assim, você não tem que estar todos os dias no espaço físico de ensino, né? [...] (G.S.)

Com base neste depoimento, percebe-se que, apesar de suas dificuldades no curso, ela conseguiu estabelecer uma relação positiva com o saber na EaD e superar parte de seu preconceito. No seguinte trecho, G.S. fala da falta que sentiu do professor como elemento disponível ao diálogo:

Pesquisador: Aquela percepção que você tinha no início, antes de se matricular, você acha que muita coisa se confirmou?

G.S.: Muita coisa se confirmou. Muita mesmo. A questão do professor, da presença do professor, sabe? Da presença do professor falo, do jeito que o curso diz que o professor vai estar presente. Não é a presença do professor assim... a gente sabe que o curso é a distância, mas assim... nem a distância você tinha o professor. Isto se confirmou, muito.

Com base neste depoimento, não podemos afirmar que os professores não se colocavam disponíveis para uma relação mais próxima. Apenas podemos concluir que G.S. não sentia esta disponibilidade. Ela, entretanto, não parece associar mais o curso EaD a um curso deficiente, tanto pelo fato de desejar retornar os estudos nesta modalidade quanto pela seguinte fala:

Pesquisador: Você tem na sua frente dois candidatos, um que fez Letras presencial e outro que fez Letras a distância, você faria alguma diferença?

G.S.: Não. Eu aplicaria o mesmo método de avaliação para os dois e quem se saísse melhor seria o contratado. Eu faria isto.

Infelizmente esta atitude não é compartilhada por alguns recrutadores que atuam no mercado. A.M., aluna do mesmo curso, já atuante como professora de Artes e Inglês, afirma que foi discriminada numa seleção por causa da sua opção pela modalidade a distância. Atendendo à solicitação de um conhecido ela relata:

Fiz o currículo e entreguei a ele com todas as minhas experiências em sala de aula, meu curso de inglês, nível pré-intermediário. [Ele] Levou para lá. E aí lá tinha um responsável para tudo e eu recebi um e-mail. E ele veio me contar, “[A.M.], vão lhe chamar.” Eu disse eu recebi um e-mail. Ele disse “Olhe, eu ouvi um comentário, vieram me perguntar... [...] dei todas as referências, vão ligar para você” [...] recebi o retorno dizendo o seguinte: “Prezada [A.M.],” [Pesquisador: Por e-mail?] Por e-mail. “Prezada [A.M.], Seu currículo foi analisado conforme já passado para você em outro e-mail de contato e devido as suas experiências, você se encontra dentro do perfil, porém fizemos uma pesquisa a respeito do seu curso de graduação e, por ser EaD, você não pode compor nosso quadro. Esperamos que futuramente... Atenciosamente, a pessoa lá, RH”. (A.M.)

A.M. no momento da entrevista tinha 22 anos e cursava o quarto semestre do curso. Em seu depoimento, ela pareceu bastante convicta de que é possível estabelecer uma relação com o saber na EaD. Situações desrespeitosas e preconceituosas como a relatada acima, não aparentam desanimá-la. Ela continua investindo em sua educação e acreditando na sua formação. Segundo conta, sua escolha pela EaD foi por comodidade, pois já trabalhava e tinha muitos afazeres, como no curso EaD havia somente um encontro carnal por semana, ele seria mais viável em suas condições. Entretanto, o período de adaptação do ensino médio para a universidade EaD não foi fácil:

Então, assim, foi difícil para mim por causa deste contato direto e eu vejo que enquanto você está muito acostumado com o presencial, por causa do ensino básico, né? Eu saí do ensino básico fazia dois anos, do ensino regular. E assim, quando você tem um professor regular ali contigo, eu sinto que você, que eu no caso, é obrigado a pegar o material. Eu tenho que pegar o

material, porque o professor vai estar na sala e vai cobrar, ele vai fazer pergunta, e isso aquilo, aquilo, aquilo, aquilo. Já na EAD como eu falei, comodidade, né? Praticidade total. Você flexibiliza seu horário às vezes até demais, né? Quando vê, você se aperta e não dá conta da coisa, não dá conta do recado. Então esta foi uma das dificuldades, já no segundo semestre eu me senti mais adaptada. Esse mesmo, nós temos nove disciplinas, e eu consegui, já tô dando conta [...] (A.M.)

A.M. relata o processo de adaptação à condição de estudante universitário. Esta condição é provisória, voluntária e própria do sujeito adulto. Pode-se entender a entrada na vida universitária como uma passagem em três tempos: *o tempo do estranhamento*, quando o estudante entra em um universo desconhecido; *o tempo da aprendizagem*, quando ocorre a adaptação progressiva; *o tempo da afiliação*, quando ocorre o manejo relativo das regras com capacidade de interpretá-las ou transgredi-las. (COULON, 2008)

Assim, o ofício de estudante necessita ser aprendido, sob pena de o aluno ser eliminado ou eliminar-se do processo. Para a sobrevivência, o estudante deve tornar-se nativo na cultura universitária, adquirindo um conjunto de novos procedimentos. Porém, um estudante para se tornar “profissional de seus estudos” precisa de uma perspectiva que em longo prazo seja capaz de justificar seus esforços. (COULON, 2008) No caso dos estudantes da modalidade (supostamente) a distância, estas perspectivas em longo prazo estão sendo prejudicadas por uma opinião desinformada que prejudica, discrimina e angustia os alunos desta modalidade.

5 Considerações finais

A relação com o saber é simbólica, ativa e temporal. Na EaD, a ausência de carnalidade e a distância geográfica não eliminam a relação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o mundo. O essencial está na forma como estas relações são significadas. A distância que prejudica o processo educacional é aquela sentida pelo sujeito como fechamento ao diálogo. A relação educativa próxima e significativa nasce e se mantém pelo diálogo *com* o outro para transformar a realidade e atender às necessidades da comunidade.

É preocupante, entretanto, a forma como a EaD é representada por uma parcela da sociedade. No caso relatado por A.M., o preconceito foi claro, formalmente assumido e documentado via e-mail. É urgente uma intervenção do governa não só para coibir estas práticas, mas também para zelar pela qualidade dos cursos de forma a oferecer a segurança

necessária para que os alunos possam investir em sua formação sem receio de serem discriminados pelo mercado de trabalho.

Notas

¹ Mestrando da linha 2 (Formação de Professores, Currículo e Tecnologias) do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade/UNEB. E-mail: adonaimedrado@hotmail.com.

² Pesquisa realizada com orientação da Dra. Maria Olívia de Matos Oliveira, Professora Titular do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, Brasil. Doutora em Educação pela UAB/ES.

³ Neste trabalho, optamos por utilizar as expressões “encontros carnais” e similares para significar aquilo que mais comumente é designado como “encontro presencial” ou “encontro face-a-face”. Fazemos isto por concordar com a opinião de Santaella (2009) de que na interação com os ambientes digitais há uma recalibração da fisicalidade do corpo e da matéria mental. Por consequência disto, acreditamos que a presença e a distância são elementos subjetivos que não podem ser definidos pelo tipo de fisicalidade envolvido na relação.

Referências

AGENCIA ESTADO. Estudo revela preconceito contra educação a distância. **Estadão**. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-revela-preconceito-contra-educacao-a-distancia,460376,0.htm>>. Acesso em: 23 mai. 2011.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 mai. 2011. doi: 10.1590/S1413-24782002000100003.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Tradução Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London/California/New Delphi: SAGE, 2000.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LIMA JR, A. S. ; HETKOWSKI, T. M. . Educação e Contemporaneidade: por uma abordagem histórico-antropológica da tecnologia e da práxis humana como fundamentos dos processos formativos e educacionais. In: LIMA JR, Arnaud S; HETKOWSKI, Tânia. (Orgs.). **Educação e Contemporaneidade**: desafios para a pesquisa e a pós-graduação. Rio de Janeiro: Quartet, 2006, p. 29-46.

SANTAELLA, Lucia. Revisitando o corpo na era da mobilidade. In: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fábio (orgs). **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.